



# Acolhimento em múltiplas línguas: reflexões sobre o atendimento clínico e psicanalítico a imigrantes

Arthur Silvério de Oliveira<sup>1\*</sup>, Elaine Cristina Schmitt Ragnini<sup>2</sup> e Marcela de Andrade Gomes<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Rua Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n, 88040-970, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. <sup>2</sup>Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: deoliveiraarthur@outlook.com

**RESUMO.** Línguas estrangeiras estão presentes em consultórios de psicanálise desde seus primórdios. Diversos acontecimentos históricos, como a Primeira e Segunda Guerra Mundial, forçaram psicanalistas a atender pacientes imigrantes ou até mesmo estabelecer seus consultórios em outros países. No entanto, poucas publicações sobre a temática foram produzidas, ainda que muito possa ser questionado teoricamente acerca de impactos técnicos em realizar atendimentos ou acolher pacientes em idiomas outros que suas línguas maternas. Diante da complexidade do tema e da escassez de pesquisas sobre a prática clínica em língua estrangeira, este estudo tem como objetivo investigar de que forma psicanalistas significam a experiência de atendimento em línguas estrangeiras. Para isso, foram entrevistados cinco psicanalistas clínicos experientes no tratamento nessas condições. A partir da análise do conteúdo destas entrevistas (Bardin, 1977), foram escolhidas três principais temáticas, sendo elas: a possibilidade de se analisar em língua estrangeira; a língua materna; e a dimensão transferencial nesse *setting*. Como conclusões, foi possível delimitar e discutir sobre algumas possibilidades e impasses para o atendimento clínico em outra língua. Ressalta-se que o crucial para a instauração de um processo analítico é a disponibilidade subjetiva do analista em escutar e acolher o imigrante, sendo que desafios linguísticos, culturais, transferenciais e contratransferenciais farão parte do manejo clínico nessa condição.

**Palavras chave:** língua estrangeira; psicanálise; acolhimento.

## Multilingual reception: reflections on clinical and psychoanalytic care of immigrants

**ABSTRACT.** Foreign languages have been present in psychoanalysis offices since its beginnings. Several historical events, such as the First and Second World Wars, forced psychoanalysts to attend to immigrant patients or even establish their practices in other countries. However, few publications on the subject have been produced, even though much can be theoretically questioned about the technical impacts of conducting sessions or welcoming patients in languages other than their mother tongues. Given the complexity of the topic and the scarcity of research on clinical practice in a foreign language, this study aims to investigate how psychoanalysts make sense of the experience of providing care in foreign languages. To this end, five experienced clinical psychoanalysts who treat patients under these conditions were interviewed. From the content analysis of these interviews (Bardin, 1977), three main themes were chosen: the possibility of analyzing in a foreign language; the mother tongue; and the transference dimension in this setting. In conclusion, it was possible to delimit and discuss some possibilities and impasses for clinical care in another language. It is emphasized that what is crucial for the establishment of an analytical process is the analyst's subjective availability to listen to and welcome the immigrant, and that linguistic, cultural, transferential, and countertransferential challenges will be part of the clinical management in this condition.

**Keywords:** foreign language; psychoanalysis; migrant care.

Received on February 28, 2025.

Accepted on June 02, 2025.

## Introdução

O presente artigo é fruto de uma pesquisa cujo objetivo foi compreender como psicanalistas significam e teorizam suas práticas de atendimento em línguas estrangeiras a partir de possíveis efeitos da presença de línguas estrangeiras no *setting* clínico do tratamento de imigrantes internacionais, refugiados e brasileiros

em diáspora. Esse tema, ainda que não necessariamente novo à Psicanálise, como demonstrado através do caso Anna O. no qual uma das evoluções sintomáticas da paciente foi mutar-se no originário alemão para comunicar-se somente em inglês (Freud, 1996), pouquíssimo foi investigado de maneira focal (Amati-Mehler et al., 2005). No entanto, a questão sempre esteve presente. Abraham e Torok (1976), por exemplo, retornam ao clássico caso freudiano do Homem dos Lobos para demonstrar como o paciente utilizava-se da língua inglesa de maneira críptica, permitindo a identificação das palavras ativas e escondidas em sua fala. Jacques Lacan (1998b) demonstra, a partir de exemplos trazidos por Sigmund Freud em 'O Fetichismo' (2020) e em 'A Interpretação dos Sonhos' (2019), como tanto o sintoma quanto o sonho devem ser lidos através de seu valor significativo, ou seja, do conteúdo que a palavra representa para além de si mesma, pertencente a uma estrutura de linguagem. O que Lacan faz, a partir de uma leitura cuidadosa de Freud e em diálogo com os escritos e a filosofia estruturalista, é trazer o inconsciente ao campo da letra, propondo que este seria estruturado como uma linguagem.

Assim, contemplar o fenômeno das línguas na clínica torna-se possível e passível de interpretação. Alguns autores demonstram como o idioma em que uma palavra ou ideia pode ocorrer no exercício de uma fala livre pode representar afetos específicos dotados de historicidade ímpar relativa aos locais, tempos e funções reservados para cada idioma na história do sujeito (Buxbaum, 1949; Krapf, 1955). A produção nacional no trabalho com imigrantes e refugiados, inclusive, demonstra como a questão da Língua Estrangeira é algo com que não somente o profissional precisa se haver, mas também o paciente (Martins-Borges et al., 2015; Martins-Borges, 2017; Rosa, 2018).

Em um país formado em sua essência pelas imigrações e por imigrantes, o tema da Língua Estrangeira na prática clínica torna-se especialmente necessário. O Brasil é um país constituído por fluxos migratórios ao longo de sua história, destacando-se a chegada de colonizadores e africanos escravizados a partir do século XVI, de europeus ao longo dos séculos XIX e XX, de japoneses e latino-americanos no século XX, bem como da emigração de brasileiros a partir da década de 1970, com a ditadura militar, e até os anos 2000 (Cavalcanti & Oliveira, 2018). A partir da década de 2010, o fluxo migratório brasileiro sofre modificações, tendo um aumento significativo da presença de imigrantes advindos do Sul Global, “[...] como é o caso dos imigrantes haitianos, venezuelanos, senegaleses, bengalis, entre outros [...]. Trata-se, portanto, de fluxos migratórios caracterizados pela diversificação e com diferentes origens: geográficas, sociais, culturais, entre outras [...]” (Cavalcanti, 2021, p. 13). Esse cenário demonstra que a temática migratória, seja pelos imigrantes que chegam ao Brasil, seja pela emigração de brasileiros que buscam em outros países oportunidades para a sobrevivência e a vida, está na agenda de debates e políticas nacionais.

A diversidade das migrações coloca em questão a multiculturalidade e o encontro com as diferenças, exigindo da sociedade como um todo, mas especialmente de agentes públicos e profissionais que atendem essa população, um saber para operacionalizar o atendimento. Nesse sentido, interessa-nos investigar como os psicanalistas, inseridos no campo da saúde, manejam seus atendimentos atravessados pela presença da Língua Estrangeira no *setting* clínico. O objetivo desta pesquisa, portanto, é compreender como psicanalistas experientes em atendimentos em Língua Estrangeira significam e teorizam suas práticas neste contexto. Para isso, investiga-se como estes compreendem as problemáticas deste *setting*, como: a possibilidade de realizar uma análise em Língua Estrangeira; as dificuldades do trabalho com a Língua Estrangeira no tocante ao manejo clínico; e o reconhecimento de diferenças culturais no atendimento de imigrantes.

## Método e procedimentos

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas entrevistas com psicanalistas que atendem, ou em algum momento, atenderam pessoas imigrantes. Para cumprir os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos, esta se encontra aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob CAAE 50509221.8.0000.0102. Ainda que a leitura dos conteúdos revelados nas entrevistas se dê a partir da Psicanálise, acredita-se que este trabalho possa contribuir para profissionais de outras áreas, como psicólogos, enfermeiros e médicos, que se veem, cada vez mais no contexto nacional, impelidos a trabalharem com pessoas imigrantes advindas de outras culturas e falantes de outros idiomas.

Foi realizado um recrutamento de profissionais por rede de contatos e selecionados os entrevistados que atendessem os seguintes critérios de inclusão: interesse em participar da pesquisa; ser ou ter sido psicanalista clínico; e ter, em sua prática, trabalhado com imigrantes em idioma distinto a língua materna desses. Todos os entrevistados em algum momento haviam realizado atendimentos em idiomas para eles

estrangeiros, ou seja, haviam atendido no idioma do paciente ou em um terceiro idioma possível para ambos. Atendidos esses critérios, foram selecionados para as entrevistas cinco profissionais. Chegou-se aos entrevistados por meio de experiências anteriores de trabalho, pesquisa e estudo dos pesquisadores. O entrevistador, no entanto, não possuía nenhuma relação prévia com os entrevistados. Com cada um foi realizada uma entrevista, com duração aproximada de uma hora, por meio da plataforma Zoom. Utilizou-se para as entrevistas um roteiro semi-estruturado.

Após a realização das entrevistas, as mesmas foram transcritas e sistematizadas em grupos temáticos, que posteriormente se tornaram os eixos presentes nos resultados dessa pesquisa. Para isso, utilizou-se de duas metodologias consideradas não excludentes, sendo elas: a Análise de Conteúdo (Bardin, 1977); e a Análise Lacaniana de Discurso (Lara Júnior et al., 2019). Enquanto a primeira proporcionou uma metodologia consistente para diagnóstico de temáticas e ideias repetidas ou conflitantes, a segunda possibilitou que a forma e conteúdo transmitidos pelos entrevistados pudessem ser analisadas a partir da psicanálise e da relação dialética entre pesquisador, entrevistado, instituições e contexto histórico.

No decorrer da apresentação dos resultados da pesquisa, vinhetas das entrevistas são utilizadas para a construção de exemplos e/ou ilustração das discussões. Para melhor organização e garantia de anonimato, a cada um dos entrevistados foi endereçado um código. Utilizou-se, respectivamente, E-1, E-2, E-3, E-4 e E-5 para identificá-los. Além disso, informações presentes nas vinhetas que pudessem colocar em dúvida a garantia de anonimato foram alteradas.

As categorias identificadas e analisadas, que são discutidas nesta publicação são: a possibilidade do trabalho psicanalítico em Língua Estrangeira; a questão da língua materna; os principais desafios inerentes ao trabalho clínico; e as demandas comuns aos analistas que trabalham no estrangeiro.

### **Analisar em língua estrangeira!?**

A partir da aproximação da Psicanálise ao campo de estudo das migrações, o questionamento acerca da possibilidade de realizar uma análise, ou tratamento, em outra língua que não a materna figura constantemente em espaços de discussões clínicas. A incerteza acerca da possibilidade de manejar uma análise em língua estrangeira ao paciente nasce da hipótese de que alguns significantes importantes para a fundação subjetiva de determinados sujeitos não poderiam ser acessados através de um idioma estrangeiro, assim impossibilitando o trabalho analítico. Nessa lógica, a língua estrangeira atuaria como uma defesa à ocorrência desses significantes, protegendo o 'S1' (significante mestre) e sua cadeia mais primitiva. Outro fundamento da desconfiança é o fato de que algumas formações do inconsciente, como chistes, sonhos e atos falhos, acabam por passar despercebidos ao analista sem domínio do idioma original de seu paciente, estando disfarçadas em jogos de palavras multilingüísticos. A partir disso, a questão 'Você considera uma análise em língua estrangeira para o paciente distinta da análise em língua materna? Ela é possível?' foi proposta aos entrevistados.

Mais para não do que para sim, é a minha resposta. Falando em termos de psicanálise, no rigor teórico-prático daquilo que seria a possibilidade de rastrear significantes, que é um princípio do trabalho clínico, 'muitas vezes não é possível detectar em função de que o outro fala com base na sua língua materna'. Aí, há um déficit e não se sabe muito bem se o que está acontecendo 'pode ser um deslizamento, pode ser uma livre associação, pode ser uma investigação' (E-3, grifo nosso).

A posição desse/a entrevistado/a corrobora com a dúvida acerca da realização de análise em outra língua que não a materna. No entanto, sua posição difere-se da de todos os outros entrevistados, que entendem que há diferenças para o trabalho analítico nessas condições, principalmente em relação à associação livre, mas que essas não impossibilitam o trabalho. Sobre isso, diz E-4:

O que é análise, né? Acho que aí depende também de contextos teóricos e por onde a gente caminha. Vamos pensar, no meu aparato teórico de pós-estruturalismo de Lacan e Etnopsicanálise, 'eu considero que sim'. Quando a gente fala de discurso e de trabalho com um discurso, você não se resume a uma *free association* no divã de um processo tradicional de análise, você consegue circular por outros referenciais. E aí, você vai trabalhar com as mesmas formas: ato falho, chiste, todas essas questões psíquicas que vão vir e vão advir independente da língua. Eu ainda considero um processo analítico se a gente estiver falando da questão do discurso e de uma possibilidade, mesmo que mínima, de trabalhar com o sintoma e de dar um giro subjetivo diante de bancar o próprio desejo. Mesmo que seja algo mínimo para estancar uma questão traumática, isso para mim já é um processo analítico, não tem como negar que já é uma intervenção analítica (E-4, grifo nosso).

Aqui, a entrevistada entende que não seria a capacidade de um sujeito associar livremente, a partir de uma fluência em um idioma, que definiria ou não a realização de uma análise, mas sim a possibilidade de intervenção a partir de uma lógica analítica, independente do idioma.

Outro entrevistado opina:

A gente tem essa ‘fantasia de que existe uma língua materna’, mas se a gente for olhar para o mundo, mais de 50% dele não é monolíngue, são pessoas bilíngues, trlíngues e nas nossas histórias, em países tão miscigenados e com tantas raízes migrantes como o Brasil, têm uma pluralidade de línguas. Então, acho que ‘o inconsciente é feito de uma polissemia’ significativa, linguageira. Eu acho que sempre é possível fazer algo (E-2, grifo nosso).

A resposta da entrevistada nos remete à noção lacaniana da linguagem, que indica que essa é incapaz de traduzir diretamente tudo aquilo que o sujeito deseja. Sendo esse, portanto, o porquê de o inconsciente estar estruturado como uma linguagem marcada fundamentalmente pelo mal entendido. Para o decorrer de uma análise, então, mais do que uma associação livre fluente, o importante seria o mal entendido, visto que esse coloca analista e analisando em uma posição inicial de alteridade. Segundo uma das entrevistadas, “[...] a psicanálise é uma prática que se realiza muito a partir do mal entendido” (E-4). Portanto, a crença de que uma comunicação em língua materna seria menos ruidosa, portanto mais verdadeira do que em língua estrangeira, parece se basear em uma suposta falta de vocábulos, de fluência, que impediria uma expressão sincera dos conteúdos inconscientes. No entanto, essa falta não é única à língua estrangeira, mas sim sumária à própria existência humana, como configurada por Lacan (1998c) como sujeito barrado (\$). Como explica Baratto (2017):

Por faltar no campo do Outro o significante que poderia nomeá-lo, o ser do sujeito é inapreensível, não articulável pela linguagem, determinando-o como referido ao desejo e à falta de objeto que ele arrasta consigo. A falta simbólica de um significante no Outro é causa da castração do sujeito, sendo representada na teoria lacaniana pelo símbolo  $\Phi$ , definido como ‘significante do ponto onde o significante falta’ (Lacan, 2002, p. 230-234), o ‘[...] ponto preciso de uma presença ausente, de uma ausência presentificada’. A falta que afeta o sujeito é tributária da falta no Outro. Ela circunscreve o vazio no qual se instaura a função do objeto *a* como objeto eternamente perdido e cuja função é ser causa do desejo (Baratto, 2017, p. 242).

Ou seja, a associação livre se faz a regra fundamental da psicanálise não por expressar uma fluência de ideias, mas sim por possibilitar que essas se confundam, se embaralhem e falhem. Dessa forma, escancaram a vulnerabilidade do sujeito perante a linguagem, extremamente insuficiente, sempre faltosa, não impossibilitando uma análise em Língua Estrangeira, mas justificando-a. Cabe destacar que, dos 5 entrevistados, somente uma delas coloca em dúvida a possibilidade de uma análise em língua estrangeira.

## A língua materna

Coloquialmente, por língua materna entende-se aquela falada pela mãe. No entanto, essa não é a realidade de uma miríade de imigrantes, como por exemplo Sigmund Freud, que nunca dominou a língua em que sua mãe se comunicava majoritariamente, o *yiddish* (Gay, 1995; Boczkowski, 2006). Qual seria então a língua materna de Freud? Segundo Alfredo Jerusalinsky (2008), é de senso comum entender por língua materna o idioma da comunidade onde a criança nasce e apropria-se de um código linguístico - o alemão, no caso freudiano. No entanto, tal definição falha, por exemplo, ao ser utilizada com filhos de imigrantes que têm seu primeiro contato com as línguas pelo idioma dos pais, distinto do da comunidade. Frente a esse problema de definição, Jerusalinsky demonstra que nenhuma língua é *per se* materna, mas sim fruto de uma elaboração *après-coup* (posterior) da castração, do exílio da posição de falo materno (Jerusalinsky, 2008).

Melman (1992) coloca que a língua materna se diferencia da língua estrangeira, pois na primeira, a mãe estaria interditada. Assim, o primeiro idioma dominado pela criança não gozaria de um lugar especial no inconsciente, mas sim seria uma “[...] inscrição simbólica primitiva sem a qual não há possibilidade de apreensão de uma segunda língua/língua estrangeira” (Moraes, 2009, apud Gasparini, 2010, p. 228). Um exemplo é citado por Freud em *O Chiste e sua relação com o inconsciente*:

O médico que foi chamado para acompanhar a baronesa em seu parto diz que o momento certo não chegou ainda e propõe ao barão jogar uma partida de cartas enquanto esperam. Depois de alguns minutos, um grito de dor da baronesa chega aos ouvidos dos dois homens. ‘Ah, mon Dieu, que je souffre!’ [Ah, meu Deus, como soffro!] O marido se levanta, mas o doutor o detém: ‘Não é nada. Vamos continuar o jogo’. Alguns instantes depois, ouve-se

novo grito da parturiente: ‘Meu Deus, meu Deus, quantas dores!’. — ‘Você não quer entrar no quarto, professor?’, pergunta o barão. — ‘Não, não, ainda não está na hora.’ — Finalmente, ouve-se no quarto ao lado o inconfundível choro: ‘Ai, aai, aai’. O médico joga as cartas na mesa e diz: ‘Agora sim (Freud, 2017, p. 116).

No exemplo descrito, a cada alteração idiomática, a baronesa vai ao encontro da sua história pregressa, rompendo progressivamente barreiras sociais e superegoicas, até o pleno retorno ao balbucio. Nesse ponto, portanto, restaria a verdade pura - livre de qualquer imperativo social - a identificação completa à pulsão em uma expressão muito anterior ao código linguístico primeiramente aprendido. Dessa maneira, o inconsciente não seria “[...] nem nacionalista, nem xenófobo [...]” (Melman, 1992, p. 16) à vista “[...] que esta *lalangue* que o constitui não é formada por palavras de uma língua específica, por se configurar como um saber que antecede qualquer referência à palavra, à linguagem e à língua” (Gasparini, 2010, p. 234).

O conceito de *lalangue*, proposto por Lacan em ‘O aturdito’ (1998a) é melhor explorado em seu Seminário XX (1985), no qual define que “*Lalangue* é do domínio onomatopaico, isto é, não mais de uma língua arbitrária, mas motivada” (Góis, et al., 2012). Portanto, é essa motivação, como “[...] saber anterior à fala [...]” (Moraes, 1999, p. 83, apud Gasparini, 2010, p. 228), que estrutura primeiramente a língua original do sujeito e, posteriormente, as línguas estrangeiras como extensão.

Assim sendo, *lalangue* não se faz presente somente na língua da primeira infância de um sujeito, mas em qualquer outra que ele se proponha a aprender, bem como na posição em que ele é colocado diante das situações de encontro com este idioma (Gasparini, 2010, p. 228).

É esse efeito que a comunidade de Viena, criadora do chiste, já havia percebido em 1905. Ao retornar ao balbucio, conforme a dor do parto avança, Freud, ainda que sem saber, demonstra a relação da *lalangue* lacaniana com as línguas “materna” e estrangeira. Afinal, a *lalangue* suportará o idioma materno do qual a língua estrangeira partirá como extensão (Moraes, 1999, apud Gasparini, 2010), em contato primário com o Real insubstituível, anterior à formação de signos, significados e significantes, mas ainda preservando seus afetos. Real é um conceito desenvolvido por Lacan que significa uma instância psíquica que escapa da linguagem gerando angústia para o sujeito; nos pontos em que a linguagem e as redes que usamos para simbolizar o mundo racham, encontramos o Real. Lacan ressalta o caráter inassimilável do Real do desamparo que nos constitui e do vazio que nos habita, definindo o movimento do Real como aquilo que ‘não cessa de não se escrever’ (Lacan, 2016). Desta forma, o uso de uma ou outra língua não impossibilitaria um processo analítico, pois as regras do código linguístico não estão na mesma lógica que a linguagem inconsciente.

### Desafios àqueles que trabalham com outra língua

Todos os Psicanalistas entrevistados na pesquisa realizaram parte considerável de sua formação e experiência profissional em outra pátria e idioma. Importante pontuar que esse não foi um pré-requisito para a escolha dos entrevistados. A migração, portanto, foi fator comum aos entrevistados, que passaram pela experiência de iniciar uma clínica, um trabalho institucional ou retomar seus atendimentos nesses novos lugares. Como escutar um paciente em outro idioma? Deve-se buscar atender somente brasileiros?

Os entrevistados selecionados possuem uma notável experiência no atendimento com estrangeiros em línguas distintas ao português. “Eu passei muitos anos trabalhando com isso, quando eu parei de contar tinha atendido pessoas de 53 países diferentes” (E-2), relata um entrevistado. No entanto, esse trabalho não se dá sem suas dificuldades e especificidades: “O idioma X não é a minha língua materna. Ao atender algumas pessoas aqui no idioma X, acredito que num sentido inverso eu sou a estranha no ninho e não o paciente.” (E-3, alterado para garantir anonimato). Essa autorização para realizar atendimentos em outro idioma demonstra-se, segundo as entrevistas, uma vivência em algum momento compartilhada por todos os entrevistados. A pouca produção bibliográfica acerca das implicações teóricas, transferenciais e contratransferenciais presentes aos profissionais que se dispõem a esse trabalho figura como outra dificuldade a essa experiência (Amati-Mehler et al., 2005).

O exercício de escuta analítica em um idioma estrangeiro, ideia enigmática para muitos analistas, foi uma das dificuldades relatadas pelos entrevistados. Tal situação pode ser tomada por alguns como impossibilitadora do trabalho psicanalítico. No entanto, não é dessa forma entendida por um entrevistado:

É claro que é muito diferente atender na própria língua e atender na língua estrangeira, mas curiosamente ao atender na língua estrangeira é como se a atenção flutuante estivesse mais presente, então você capta o mal entendido, aquilo que rateia. Me parece que o ouvido fica mais capaz de captar o mal entendido, o próprio ato

falho. Como você não domina completamente a língua estrangeira, ela te causa mais ruído. O sentido, a historinha, se tornam menos importantes (E-1).

O que o entrevistado traz, portanto, é que o ato de escutar um sujeito falante de língua estrangeira pode chegar até mesmo a ser um facilitador técnico para a escuta clínica. Ao demandar menos atenção ao sentido e à 'historinha', o analista parece ser capaz de evidenciar aquilo que escapa ao discurso, o momento em que a linguagem falha e deflagra a condição de sujeito barrado (\$) do paciente. "Acho que você escuta mais o peso do significante, a materialidade da palavra. Para mim, isso é a potência de uma clínica do estrangeiro" (E-1). Dessa forma, "[...] atender em uma outra língua diminui o risco do adormecimento pelo sentido. O adormecimento do analista e do analisando pelo que faz sentido" (E-1). Um exemplo do que apresenta a entrevistada são as ocorrências da língua estrangeira durante o discurso do paciente em consulta clínica. Essas terminam por demonstrar-se pontos-chaves para a clínica nessas condições e a própria elaboração psíquica do paciente poliglota.

### **As demandas endereçadas ao analista no estrangeiro: a dimensão transferencial**

Quem são os pacientes que procuram analistas brasileiros em terras estrangeiras? Segundo os entrevistados, em geral são brasileiros emigrantes, expatriados, estrangeiros luso-falantes ou de alguma forma relacionados com o Brasil e imigrantes forçados atendidos através do trabalho em instituições e dispositivos públicos. Raros são os casos que um paciente autóctone chega a esses analistas sem que compartilhem alguma dessas características.

Eu acho que tem certos aspectos quando você vai escolher um analista ou um supervisor, é preciso ler os traços. Me parece delicado para alguém que não tem nenhuma relação com o Brasil, mínima que seja, procurar um analista brasileiro no seu próprio país. No sentido de que a origem, ou a dimensão do estrangeiro, precisa ser uma via transferencial, se não, não tem pega (E-1).

A figura de 'analista estrangeiro' ou 'analista brasileiro' parece, portanto, ser indissociável daqueles que buscam realizar sua clínica fora do país de origem e importante elemento transferencial para aqueles que optam por um profissional na condição de estrangeiro. A escolha de um analista está envolta de motivos inconscientes que possibilitam, ou atrapalham, um possível processo de análise. Ao pensar que, como coloca Freud (1980), durante a transferência atribui-se ao analista a 'imagem' atribui-se ao analista a imagem de quem se deseja realmente enunciar, a escolha primeira de analista não pode estar descolada de certa predisposição e de projeções imaginárias do paciente.

A possibilidade de retorno ao idioma materno aparece como um desses motivos. Algumas pessoas "[...] precisam desse ponto de ancoragem na língua materna e por isso a escolha de um analista (brasileiro) que more aqui, ou seja, que conheça a condição do estrangeiro, mas que esteja ancorado na língua" (E-1, parênteses nosso). Existe nesse processo, segundo a analista, uma inerente identificação à condição de estrangeiro, pela busca de um analista que considere e tenha vivenciado experiências similares. "Tem pessoas que me procuram porque eu estou no estrangeiro, por conhecer a radicalidade da experiência do estrangeiro na pele. Isso vira, também, um elemento transferencial importante" (E-1).

As demandas desses pacientes, no entanto, não parecem obedecer à mesma topografia do que as do nacional:

Quando é um imigrante que pede análise, ele não vem necessariamente por uma questão de gozo, mas por uma questão de sofrimento. Aí, o que se oferece não é uma investigação do que ele goza, mas é um reconhecimento do que ele sofre e um testemunhar do seu sofrimento (E-3).

O relato do entrevistado corrobora com o que coloca Charles Melman (1985) sobre a condição de imigrar para uma nova língua. Segundo o autor:

As migrações parecem produzir uma espécie de histeria 'experimental'. Em outras palavras, aquele que é levado a ter que viver em uma comunidade que não é sua de origem encontra-se na posição de quem não pode autorizar a sua palavra desde o Pai da cultura que ele habita. Se concordarmos em definir a estrutura histórica com uma certa paixão de ser outro, diferente e uma paixão que leva o sujeito a se afastar da sua própria filiação, eis que o migrante se torna histórico por razões históricas ou sociais. Ser diferente, outro, pode levar a tentar esquecer a própria especificidade e seduzir a nova cultura. É o sonho - ou talvez a caricatura - da integração (Melman, 1985 apud Calligaris, 1992, p. 10).

Ao citar a autorização frente ao Pai da cultura, o autor demonstra como num ato de migrar o sujeito se vê em uma posição de prestar contas frente ao Outro, em suas facetas culturais desde sempre já postas para aqueles que nela nascem e/ou são criados. Entendendo, portanto, que aquele que emigra passa a se organizar através de uma histeria ‘experimental’, Melman (1985) aponta como o reconhecimento do sofrimento passa de fato a se tornar uma demanda do imigrante. Nos sujeitos nessa condição, podem prevalecer “[...] demandas concretas e pontuais e muitas vezes a modos evasivos que os fazem parecer estranhos ou loucos” (Rosa, 2018, p. 4). Assim, a vivência da imigração “[...] desestabiliza o sujeito de um lugar no discurso e o lança na dimensão do desamparo” (Rosa, 2018, p. 4). Essas conclusões propõem ao analista que trabalha com sujeitos imigrantes uma interessante decisão: a de ceder ou não a essa demanda de reconhecimento. No entanto, aqui parece necessário distinguir a histeria ‘experimental’, proposta por Melman (1985), da histeria clássica da psicanálise. O imigrante assume tal estrutura principalmente quando lhe é negado, ou nega a si mesmo, um lugar no laço social. O imigrante nessas condições, especialmente o forçado, assim como coloca Fanon (2020) sobre o homem negro, se vê em uma posição de haver-se com sua humanidade ‘perdida’ no exílio. Reconhecer esse sofrimento visa:

[...] restituir um campo mínimo de significantes, referidos ao campo do Outro, para que possam circular, o que permite ao sujeito localizar-se e poder dar valor e sentido à sua experiência de dor, articulando um apelo que o retire do silenciamento. Ou seja, visa-se à transformação do trauma em experiência compartilhada e na construção da posição de testemunha, transmissor da cultura (Rosa, 2012, p. 33-34).

Como nos indica um entrevistado, “O estrangeiro, embora não tenha uma estrutura psicótica, necessariamente, não deixa de ser um foracluído quando chega. Nesse aspecto, então, eu diria que quem o ouve não deveria fazer resistência a essa foraclusão” (E-3). Foraclusão, conceito importante para a obra de Jacques Lacan, é aqui utilizado para evidenciar como o imigrante recém chegado pode deparar-se com uma posição de resto, de estar dentro, mas não integrado.

Curiosamente, todos os entrevistados para essa pesquisa em algum momento trabalharam como psicanalistas, psicólogos ou pedagogos para instituições médicas, públicas ou educacionais. Nesses espaços, o encontro com a alteridade se dá de forma mais radical em idioma, costumes e condição, colocando-os frente à necessidade de pensar o acolhimento. O trabalho institucional tende a estar mais aproximado da urgência. Comumente, o público atendido por essas instituições são os imigrantes e refugiados recém-chegados e/ou em condições concretas mais vulneráveis. A condição de recém-chegado é capaz de reforçar a alteridade, não só em função do idioma, mas também devido a costumes culturais ainda muito enraizados e possivelmente distintos aos do país de chegada. Segundo um entrevistado, notar e buscar entender essas diferenças, “[...] perguntar coisas das línguas da cultura” (E-2), torna-se um passo necessário ao analista:

São coisas que a gente tem que tentar aprender e dão uma invertida em um desses pilares da psicanálise, um pouco mais ortodoxa, que é conceber ‘a transferência como a constituição de um sujeito suposto saber’. Evidentemente, isso coloca o analista em um lugar um pouco mais ativo, mas é um lugar de um sujeito suposto curioso, que tem a possibilidade de saber (E-2, grifo nosso).

Assumir essa posição de ‘sujeito suposto curioso’, portanto, não parece impedir que o paciente venha a colocar o analista em um lugar de suposto saber, visto que o interesse, ou a verdadeira curiosidade e desconhecimento pela cultura do paciente, não impediria com que este acreditasse que o analista viesse a saber algo dele e por ele mesmo não sabido. Muito pelo contrário, é esse interesse que parece possibilitar, no caso dos imigrantes, uma demanda analítica através da superação de uma desconfiança primária, articulada por Guerra (2022) como ‘sujeito suposto suspeito’.

Em geral, a maioria dos entrevistados entendem que o conhecimento de outro idioma pode ser facilitador do tratamento ao proporcionar interpretações e questionamentos.

Eu acho que faz diferença sim saber um pouco da língua da origem. Ao mesmo tempo, em muitos casos não é possível. [...] Sem dúvida alguma, tem coisas que eles só podem dizer na língua materna, que passar para uma outra língua já é trair um pouco aquilo que se quer dizer. Benjamin já dizia: toda tradução é uma traição. Então acho que é importante e em alguns casos, pode ser que seja mesmo necessário, mas não acho que seja a única via (E-1).

A noção de que, ainda que possivelmente efetivo, o conhecimento anterior da língua do paciente em geral não é necessário, é corroborada pelos entrevistados. Ao ser questionado sobre a necessidade de conhecer o idioma originário do paciente, uma entrevistada diz:

Eu acho que não por uma questão muito ética, isso tornaria inviável o oferecimento de psicoterapia para grande parte do planeta, de pessoas que, sobretudo refugiados, demandantes de asilo, que são pessoas que às vezes têm conhecimento do inglês, do francês como uma língua da escolarização, uma língua do colonizador. [...] Eu acho que a gente tem que tomar por princípio ético que a gente vai tentar se comunicar de alguma forma. A gente vai tentar ter trocas com outros humanos de alguma maneira (E-2).

O que a entrevistada propõe como resposta a essa questão é a noção do princípio da realidade. Ainda que, em um cenário ideal, compartilhar idiomas com o analisando poderia ser tomado como propício ou até mesmo necessário, no desafio de atendimento de imigrantes tal condição é praticamente impossível. Saber um idioma, no entanto, não pode ser confundido com o conhecer uma cultura:

Eu não sei nada quase de idioma Y, sei algumas palavras porque já faz 5 anos aqui, mas seria impossível. Bom, aí para mim por falar de discurso, por uma questão cultural, eu acho que a etnopsicanálise ajuda muito nisso também. Você pode falar a mesma língua, mas ter registros simbólicos e significantes nessa cadeia completamente diferentes. A gente está falando dos próprios sujeitos da mesma língua. Mas eu estou falando também de pessoas que [...] dentro do mesmo país, têm raízes completamente diferentes - raízes culturais, discursivas diferentes. Se a gente ampliar para a questão cultural, acho que fica um pouco mais fácil de entender. Eu acho que isso também limitaria muito a intervenção, assim, é impossível saber tantas línguas (E-4, alterado para manter anonimato).

Explorando mais a noção de um 'cenário ideal' possível para a análise, outros entrevistados colaboram:

Hoje em dia não acho que haja um cenário ideal, pelo fato de serem seres humanos, uma relação que se constrói, que se torna possível através dessa possibilidade de desejo. Por que podemos ir em alguém que fale nossa língua e esse não seja o cenário que eu quero, preciso mudar, quem fica também precisa ir além dessa contratransferência. Não há cenário ideal, há desejo de fazer a língua operar (E-5).

Não, eu acredito que não, acredito que não, porque aí o que vai determinar primeiro é a transferência, em que medida o sujeito se sente acolhido. E às vezes, até a linguagem gestual, ela também, tom de voz ou olhar. A forma como ele olha, a forma como ele fala, como ele escuta, quer dizer, tudo isso também é determinante e o desejo colocado em causa de acolher o outro (E-3).

Fator interessante nesses apontamentos é como as respostas possíveis para o impasse são prontamente disponibilizadas: o desejo do analista e os outros sinais transmitidos pelos pacientes. Desde Dora, Freud nota que as ações não verbais dos pacientes durante o exercício da análise são fundamentais e analisáveis: "Quem silencia com os lábios, fala com a ponta dos dedos; delata-se por todos os poros. Por isso, a tarefa de tornar consciente as coisas mais ocultas da psique é perfeitamente exequível" (Freud, 2017, p. 263). Com isso, o trabalho com a postura, o silêncio e até mesmo o sotaque (Buxbaum, 1949) tornam-se saídas possíveis para essas dificuldades. O que parece ser chave, portanto, é o desejo e a postura do analista.

Acredito que isso não me impede de escutar, muitas coisas virão na língua em que precisam vir. Virá no japonês, pois tal palavra significa tal coisa. Dependendo da relação que você estabelecer com esse outro, ele sabe que ele pode dizer a palavra que vier. Daí cabe a você perguntas: poxa, que palavra é essa? (E-4).

É a autorização do analista frente à posição de não-saber o que realmente acarretará no sucesso ou falha do atendimento nessas condições. O simples questionamento acerca de uma palavra, expressão ou construção gramatical pode proporcionar giros subjetivos ao fazer o paciente debruçar-se acerca de seus usos. Assim, com o passar do tempo espera-se que o analisando traduza ao analista uma ideia não somente porque ela lhe ocorre em outra língua, mas sim pela percepção da cadeia de significantes por ela responsável. Diana Boczkowski coloca que "[...] pode-se concluir que em um *setting* analítico, ambos paciente e analista operam em uma língua estrangeira especial [...]"<sup>1</sup> (Boczkowski, 2006, tradução nossa), ou seja, a língua de análise nunca é um idioma ou outro, mas sim uma construção de significantes partilhada entre as partes.

No entanto, em certas condições de urgência o idioma pode ser uma barreira intransponível. Imigrantes recém-chegados podem não encontrar profissionais treinados fluentes em seu idioma. Assim, uma estratégia para não deixar esses pacientes desassistidos é o emprego de profissionais tradutores e/ou mediadores para a realização dos atendimentos. E sobre isso, coloca uma entrevistada:

Outra questão que me parece interessante é o uso do tradutor para alguns pacientes. Às vezes eles não têm a possibilidade de falar outra língua, mas o direcionar o discurso para um outro de outra língua é de outro lugar,

<sup>1</sup>No original: "[...] we can also argue that in the analytic setting, both the patient and analyst operate in a special kind of foreign language".

também faz função. O tradutor, por mais que a gente critique às vezes a questão da tradução, principalmente em psicanálise, principalmente com essas experiências, me parece que funciona muito bem (E-4, grifo nosso).

Conforme adiantado pela entrevistada, a questão da tradução é frequentemente criticada e problematizada pela psicanálise. Adicionar mais uma pessoa, mais uma relação inconsciente à equação analítica, ou até mesmo um aparelho ou aplicativo de tradução, parece em um primeiro momento ser um exercício totalmente distanciado da psicanálise. Porém, “[...] a possibilidade do tradutor parece que pontua um pouco o de cá e o de lá, a possibilidade de um futuro, a possibilidade de alcançar algo através desse outro. Parece mais fácil para eles historicizar” (E-4). As chaves para essa prática parecem ser o treinamento dos tradutores e o estabelecimento de um bom relacionamento entre tradutor e analista. Um exemplo é trazido pela entrevistada:

Ele começa, então, desde as primeiras sessões, a usar muito a palavra corpo, ele falava do corpo que estava sendo tratado. Quando eu tentava ir para uma questão mais do passado, ele dizia que não lembrava. Ele falava: eu não lembro da minha infância, eu não lembro, eu não lembro muita coisa da minha vida. Aí eu lembro que um dia ele falou alguma coisa, a gente estava trabalhando sobre a relação corpo, suicídio, vida, corpo sem vida, corpo com vida, sentido de vida, a gente estava fazendo todas essas associações e ele fala a palavra corpo de um jeito que poderia também ser usado como se fosse ser humano. Funciona como corpo, tipo físico, mas também pode ser usada, em alguns contextos, para significar ser humano, pessoa. E a minha tradutora tem esse ‘clique’. Pelo contexto que ele estava dizendo, ela diz: preciso te explicar algo que não te falei antes. E quando ela me fala isso no contexto que ele estava falando, sobre um corpo que pode ser matável, sobre um corpo sem vida, eu pergunto para ele: em que outros momentos você se sente não humano? Com a palavra corpo, ainda, mas com esse outro significado, ele começa a chorar, ele tem uma crise, ele vai embora, ele diz que não quer mais falar comigo. Depois disso, enfim, ele volta na outra sessão e fala da experiência que ele tinha (E-4, grifo nosso).

Nesta fala, deflagra-se um exemplo importante da possibilidade do uso de tradutores em atendimentos multi-linguísticos. O duplo sentido percebido pela tradutora e, mais importante ainda, relatado à analista, requer um profundo conhecimento da língua para ser compreendido. Sendo apenas a partir do questionamento acerca desse expressivo uso da linguagem que se dá a reviravolta do caso.

### Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo compreender como psicanalistas significam e teorizam suas práticas de atendimento em línguas estrangeiras a partir de possíveis efeitos da presença de línguas estrangeiras no *setting* clínico do tratamento de imigrantes internacionais, refugiados e brasileiros em diáspora. Buscou-se entender a maneira como os profissionais compreendem a possibilidade de realizar uma análise em Língua Estrangeira, destacando as dificuldades do trabalho com a Língua Estrangeira no tocante ao manejo clínico e ao reconhecimento de diferenças culturais.

Em termos de resultados deste estudo, pode-se sintetizar que os participantes apresentaram uma polissemia de sentidos sobre as (im)possibilidades de realizar uma análise em língua estrangeira. Um ponto a ser destacado é a dificuldade que o paciente pode apresentar para realizar a associação livre em outro idioma; para o analista, escutar em idioma estrangeiro pode dificultá-lo rastrear os significantes, perceber jogos de palavras e fazer as suas intervenções no processo analítico. Por outro lado, pode-se pensar que a escuta em idioma estrangeiro não impossibilita o trabalho analítico pois, para alcançar a escuta da ‘lalangue’, não seria necessário atuar na língua materna, pois as regras do código linguístico não estão na mesma lógica que a linguagem inconsciente. Além disso, pode ser mais fácil se manter na escuta flutuante quando se atende em idioma estrangeiro, logo, conseguindo alcançar com mais facilidade a escuta do inconsciente quando não está na língua materna, pois nesta última, o risco do significado se sobrepor ao significante é maior – o oposto que se deseja na escuta psicanalítica.

Por fim, ressalta-se que essa pesquisa apresenta elementos importantes para a revisão teórica e técnica da psicanálise no atendimento a pessoas que se encontram na condição de estrangeiridade na relação com o outro – imigrantes e refugiados de sua terra, língua e cultura. Ainda que com um número limitado de entrevistas, foi possível delimitar e discutir sobre algumas possibilidades e impasses para o atendimento clínico em outra língua. Depreende-se disso que a disposição do analista em escutar, acolher e atender o imigrante a partir de sua singularidade é fator crucial para o tratamento, assim como o manejo que realiza frente aos impasses linguísticos possíveis, referentes às implicações teóricas, transferenciais e contratransferenciais. Para pesquisas futuras, sugere-se a investigação pormenorizada dos elementos aqui apontados, bem como o lugar do ato analítico para a realização do trabalho clínico com imigrantes e refugiados.

## Referências

- Amati-Mehler, J., Argentieri, S., & Canestri, J. (2005). *A Babel do inconsciente: língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica* (C. Bachi, Trad.). Imago.
- Abraham, N., & Torok, M. (1976). *Cryptonymie. Le verbier de l'homme aux loups*. Aubier-Flammarion.
- Baratto, G. (2017). O sujeito barrado do inconsciente: o sujeito do pensamento e do desejo. *Psicologia Argumento*, 30(69), 239-244.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Boczkowski, D. (2006). *Influence of foreign languages in psychoanalysis*. École Pratique des hautes Études en Psychopathologies. <https://ephep.com/ressources/diana-kamienny-boczkowski-influence-foreign-languages-psychoanalysis>
- Buxbaum, E. (1949). The role of a second language in the formation of ego and superego. *The Psychoanalytic Quarterly*, 18(1), 279-289.
- Calligaris, C. (1992). Apresentação - Contardo Calligaris. In C. Melman, *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país* (pp. 9-15). Escuta.
- Cavalcanti, L., & de Oliveira, M. (2018). O tema das migrações internacionais na Sociologia no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia - RBS*, 6(12), 88-113. <https://doi.org/10.20336/rbs.235>
- Cavalcanti, L. (2021). *A década de 2010 (2011-2020): dinamismo e mudanças significativas no panorama migratório e de refúgio no Brasil*. In L. Cavalcanti, T. Oliveira, & B. G. Silva (Eds.), *Relatório Anual 2021 – 2011-2020: uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil* (pp. 8-23, Série Migrações). Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral.
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. Ubu Editora. (Obra original publicada em 1952)
- Freud, S. (1996). *Estudos sobre a histeria (1893-1895)* (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. II). Imago.
- Freud, S. (1980). A dinâmica da transferência. In S. Freud, *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 131-143). Imago.
- Freud, S. (2017). *O chiste e sua relação com o inconsciente*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (2020). O fetichismo. In S. Freud, *Neurose, psicose, perversão* (pp. 315-326). Autêntica Editora.
- Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 4, pp. 13-676). Companhia das Letras.
- Gasparini, D. (2010). Língua materna, língua estrangeira e psicanálise: um olhar outro para a questão da aprendizagem. *Anais do Seta*, 1(4), 226-237. <https://core.ac.uk/download/pdf/230217352.pdf>
- Gay, P. (1995). *Freud: uma vida para nosso tempo*. Companhia das Letras.
- Góis, E., Uyeno, E., Ueno, M., & Genesini, T. (2012). *Lalangue, via régia para captura do real*. IPLA.
- Guerra, A. (2022). *Sujeito suposto suspeito: a transferência psicanalítica no sul global*. N-1 Edições.
- Jerusalinsky, A. (2008). *Saber falar: como se adquire a língua?*. Vozes.
- Krapf, E. (1955). The choice of language in polyglot psychoanalysis. *The Psychoanalytic Quarterly*, 24(3), 343-357.
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais ainda*. Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1998a). O Aturdido. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 448-497). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998b). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 238-322). Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1998c). *O Seminário livro 3, As psicoses (1955-1956)*. Zahar.
- Lacan, J. (2002). *O Seminário - Livro 6: O desejo e sua interpretação*. Associação Psicanalítica de Porto Alegre.
- Lacan, J. (2016). *Os não-tolos vagueiam (Seminário 1973-1974)*. Espaço Moebius de Psicanálise.
- Lara Junior, N., Dunker, C. I. L., & Pavón-Cuéllar, D. (2019). *Análise lacaniana de discurso: subversão e pesquisa crítica*. Appris.
- Martins-Borges, L. (2017). Migrações involuntárias e impactos psíquicos: a mediação da cultura. In R. S. Peres, F. Hashimoto, M. M. Casadore, & M. V. Braz (Orgs.), *Sujeito contemporâneo. Saúde e trabalho: múltiplos olhares* (pp. 169-186). Edufscar.

- Martins-Borges, L., Jibrin, M., & Barros, A. F. O. (2015). Clínica intercultural: a escuta da diferença. *Contextos Clínicos*, 8(2), 186-192. <https://doi.org/10.4013/ctc.2015.82.07>
- Melman, C. (1985). *Novos estudos sobre a histeria*. Artes Médicas.
- Melman, C. (1992). *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. Escuta.
- Rosa, M. D. (2012). Psicanálise implicada: vicissitudes das práticas clinicopolíticas. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, (41/42), 29-38.